
RELIGIÕES POPULARES TRADICIONAIS

E A BUSCA DE SENTIDO AO COTIDIANO

DA VIDA - ENTREVISTA A PAULO

MENDES PINTO*



Paulo Mendes Pinto**, Gilson Xavier de Azevedo***

Paulo Mendes Pinto é doutor em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro e mestre em História e Cultura Pré-Clássica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É coordenador da área de Ciência das Religiões na Universidade Lusófona, onde dirigiu o Mestrado (2007-2011) e a Licenciatura em Ciência das Religiões (2007-2017). É membro do Conselho Superior Académico do Ensino Lusófona e, desde 2021, Diretor-geral Académico do Ensino Lusófona - Brasil.

Gilson: Paulo, obrigado por aceitar fazer conosco a entrevista. Inicialmente, quero que você faça uma apresentação pessoal sua aos nossos leitores e quero já perguntar como você percebe atualmente a religião e seu papel de busca de sentido ao cotidiano da vida?

Paulo: A minha formação vem da História e termina nos Estudos Culturais, mas sempre com a mitologia antiga como objeto de estudo. Nesse campo, a minha questão central encontra-se, cada vez mais, na compreensão dos fenômenos de massificação cultural. Isto é, como é que uma ideia que nasce numa elite, como o monoteísmo, por exemplo, se desenvolve e chega a uma formulação hegemônica no espectro cultural e religioso.

Essa questão, que implica a compreensão e a identificação dos mecanismos que tornam uma opção religiosa como natural, como óbvia, é, em meu entender, o centro

* Recebido em: 02.09.2023. Aprovado em: 18.09.2023.

** Universidade Lusófona – Portugal. *E-mail*: p971@ulusofona.pt

*** Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Realizou estágio pós-doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Docente efetivo da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Quirinópolis. Docente convidado da Faculdade Quirinópolis. *E-mail*: gilsoneduc@yahoo.com.br

mais intrigante e rico da dinâmica religiosa. Qualquer processo nasce de um indivíduo, de um grupo e, em certo momento, expande-se, difunde-se e, para uma população, passa a confundir-se com a própria identidade. Nesse momento, esses movimentos, com as ideias e práticas associadas, já são intrínsecos a essa população, qualquer que seja o nível social ou o grau cultural.

E esse processo de harmonização de uma ideia é, acima de tudo, um processo de comunicação, de mediatização que passa, naturalmente, pela função carismática dos líderes e pelo apelo das ideias. Mas o central é que, num momento, toda a população o torna seu.

Essa questão tem-me levado para o universo próximo das representações, da forma como se veem e se representam as realidades que nos são externas. Chego a essa abordagem por um outro caminho que venho trilhando há quase vinte anos, e que é o do diálogo com as Religiões. É claro que nesse campo de trabalho me interessa a verdadeira dimensão cívica, a do convívio, a da fraternidade em que o humano nos liga na necessidade de estarmos todos na Casa Comum. Mas, teoricamente, a abordagem resulta da necessidade de compreender como se representa o outro, porque é isso que enforma a capacidade para dialogar ou, ao invés, para demonizar.

Gilson: Hoje, você é um respeitado estudioso do campo semântico das Ciências das Religiões, tangenciando em suas pesquisas e orientações temas diversos do estudo dessa área do saber, tanto com relação às religiões ditas universais, quanto aos ramos de pesquisa de manifestações religiosas. Nesse sentido, você tem alguma conexão religiosa em termos de culto, ou seja, participa assiduamente de alguma religião em específico?

Paulo: É cada vez mais complexa a definição religiosa. A nossa tradição ocidental empobreceu a própria definição de religião ao enclausurá-la num grupo de dependências que são o próprio quadro mental e cultural da Europa: religião enforma-se com as ideias de instituição, de cleros, de dogmas, de lugares sagrados e de textos sagrados. A espiritualidade tornou-se secundária nas religiões centradas num *status quo* hipervalorizador de uma postura subserviente do crente.

Hoje, a categoria dos Crentes Sem Religião é uma das que mais cresce em todos os inquéritos que se fazem, mostrando como os indivíduos se libertaram das amarras da necessidade de instituições, de dogmas e de clero. Creem em algum ente metafísico, mas vivem essa fé por si só, sem apoios, bengalas ou dependências. É aí que eu me enquadro: não tenho qualquer prática religiosa.

Gilson: Portugal, enquanto país colonizador das estruturas econômicas e sociais do Brasil, foi também nosso colonizador do ponto de vista religioso, enviando diversas congregações, em nome da Igreja Católica, para várias regiões brasileiras. O problema é que por ser o Brasil um país distante, além-mar, prolife-

rou aqui a compreensão popular e não a oficial do catolicismo. Sendo assim, existe atualmente em Portugal como um todo ou em Lisboa como seu local sede, uma diferença clara entre Religiões Populares Tradicionais e Religiões Oficiais (Catolicismo, Judaísmo, Islamismo)?

Paulo: Todas as geografias marcadas hegemonicamente por algum dos monoteísmos abraâmicos mostram grandes variedades dentro de cada uma das “normas” religiosas. Em nenhuma realidade religiosa ela se apresenta como que num estado puro. Portanto, não só no Brasil, e muito menos devido à distância para a Europa, temos formas híbridas e populares dessas religiões.

Em Portugal, por exemplo, há um largo número de práticas populares, muitas delas herdadas do politeísmo, e que dão corpo a grande parte das práticas religiosas, especialmente às festividades cíclicas. Trata-se de formas muitas vezes ligadas aos ritmos agrícolas, amarradas aos ciclos da sementeira e da colheita, ou da fertilidade dos campos. Essas práticas remontam, muitas vezes, a largos milhares de anos, ao início do Neolítico.

Mas não apenas nesses momentos de festividade encontramos práticas populares. Também na piedade pessoal, na liberdade que ela dá ao crente, muitas vezes no acolhimento do seu lar, da sua privacidade, podemos encontrar práticas em nada condizentes com as normas e a ortodoxia ditada por uma igreja central. Mantem-se, por exemplo, práticas de benzedoiras, tantas vezes herdadas dentro de famílias. Mas também se mantem cultos a locais sagrados, a vales, a fontes, a florestas, a lugares altos, numa religiosidade, mais uma vez, muito próxima dos elementos naturais, de uma ritualidade e de uma simbólica extremamente próximas das questões centrais da subsistência.

Gilson: O Brasil é um berço do espiritismo kardecista e das religiões de matriz africana. Como o espiritismo enquanto religião popular tradicional de origem européia encontra-se atualmente em seu país, tendo em vista ser uma religião de matriz europeia?

Paulo: O espiritismo teve um incremento muito grande em Portugal na viragem do século XIX para o XX. O regime republicano, instaurado em 1910, propiciou e valorizou as minorias por oposição ao catolicismo, pelo que o espiritismo foi bem acolhido e as suas instituições valorizadas no quadro social e político. O espiritismo, em Portugal, nunca foi um movimento popular. Sempre esteve ligado a certas elites com um elevado nível cultural, especialmente médicos.

Hoje, depois de algumas dezenas de anos com um fraco desenvolvimento, o espiritismo está em franco crescimento, especialmente com membros e praticantes ligados à área médica, tal como o era há cerca de um século.

Gilson: Em 2018 estive em Lisboa para o Congresso de Cristianismo Contemporâneo realizado pela Universidade Lusófona. Nessa ocasião, notei que mulheres estavam com vestimentas de identidade de estética africana. Pergunto, como

esse instrumento de construção e de manutenção de identidade associado ao fenômeno religioso se manifesta em seu país? Existe espaço para ele? Como está a situação em relação aos índices de intolerância e de racismo religioso?

Paulo: Nalgumas comunidades de origem africana, especialmente as mulheres, usam roupas que, de alguma forma, remetem para uma identidade nacional ou étnica. Isso é relativamente comum, por exemplo, nas mulheres guineesas, em que, mesmo nas muçulmanas, ao invés de uma aparência exterior a que mediativamente nos habituamos, marcada pela forma como se apresentam no espaço público as muçulmanas de territórios mais influenciados pela Arábia Saudita, com as mulheres muçulmanas vestidas de forma muito negadora da sua feminilidade, essas usam cores totalmente garridas e tocados bastante vistosos. O mesmo se passa com muitos muçulmanos, quer de origem guineense, quer de origem moçambicana, que no dia a dia usam a típica túnica branca até aos pés.

No que respeita aos índices de tolerância e de racismo religioso, posso dizer que Portugal está em contracorrente com grande parte da Europa. Fruto de um trabalho muito sólido entre o Estado e as confissões religiosas, não há problemas de Liberdade Religiosa em Portugal.

O que há, e essa é uma questão muito diferente, é a existência de algumas confissões religiosas que não dialogam, nem com o Estado, e muito menos com outras confissões religiosas, demonizando-as. Muito frequentemente essas confissões religiosas não cumprem as mínimas normas de convívio com a vizinhança, desrespeitando os horários de silêncio, por exemplo, ou não pagando os arrendamentos, fugindo depois sem acertar contas.

Em relação a essas, começa a haver algumas reações de repulsa, especialmente dentro das próprias confissões religiosas. Por exemplo, esse “mau nome” que alguns criam, levam a que alguns Pastores Evangélicos, portugueses ou brasileiros instalados em Portugal há mais tempo, peçam aos membros das suas igrejas que deixem de ser tratados como Pastores Evangélicos, e passem a ser referidos apenas como Pastores ou Pastores Protestantes, tal é a imagem negativa que essas igrejas e lideranças, na sua totalidade, brasileiras, trazem à denominação religiosa.

Gilson: Paulo, em minha pesquisa de doutorado, dediquei-me a pensar a figura histórica, cultural e religiosa das benzedoras, mulheres, em geral, de origem e de morada campesina que se dedicam a reproduzir rezas pela cura de doenças simbólicas como mau-olhado, infestação de insetos e de pragas em casas e em fazendas, dores estomacais em crianças recém-nascidas e outras orações. Pergunto se essa figura existe em Portugal, se ela é mais feminina ou masculina ou se ela não aparece mais em seu país?

Paulo: A figura da benzedora, muitas vezes em Portugal tratada, sem filtros, como bruxa, é corrente na cultura espiritual popular. Receadas, eram omnipresentes e

muito procuradas em momentos de necessidade. São famosas algumas bruxas que eram procuradas, até muito pouco tempo, para curar alguns desses males, ou para ver o futuro, numa leitura oracular do mundo. Muitas vezes esses saberes do campo do espiritual e do simbólico coincidiam com um outro conhecimento: a medicina tradicional. Para além da dimensão metafísica do seu conhecimento e práticas, essas mulheres afirmavam socialmente o seu poder através da manipulação de ervas e de toda uma farmacopeia natural ancestral, que passava de geração em geração. Ainda hoje muitas dessas benzedeadas ou bruxas se mantêm em funções, presentes em muitas cidades e vilas, a quem muitas pessoas, muitas delas católicas praticantes, recorrem em momentos em que as soluções de uma lógica médica ou de uma teologia tornada perene parece não dar solução, princípio afirmado na famosa frase espanhola que é muito usada em Portugal: “Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay”.

Hoje, fruto de uma maior escolarização da população e de uma menor ruralidade da vida social, essas mulheres, depositárias de tradições espirituais ancestrais, são menos presentes, dando espaço a uma nova realidade em Portugal: os bruxos ou feiticeiros africanos. De fato, nas duas últimas décadas de anos, tornaram-se significativamente populares os feiticeiros africanos, especialmente de origem guineense, que vendem as suas metodologias e práticas, especialmente relacionadas com questões de amor. Esses homens, que fazem a divulgação dos seus serviços num típico suporte em papel, de poucas dimensões, que são colocados no limpa pára-brisas dos automóveis, são o resultado de um sincretismo entre culturas tribais e uma versão popular do Islão. Não raramente vemos nessa publicidade o uso de nomes e de simbologia islâmica, misturada com elementos de raiz africana.

Gilson: Você tem dedicado boa parte do seu tempo a pensar a questão da religião judaica. Embora o judaísmo persista como expressão religiosa, cultural e política, ele é conhecido e percebido, hoje, apenas por elites intelectuais, fugindo da compreensão popular. Como você percebe a presença social dessa religião em termos de sua inserção no espaço público europeu e português?

Paulo: No caso europeu, a percepção e o conhecimento do Judaísmo não se circunscreve às elites. Há um conhecimento, mesmo ao nível mais popular, do que é o Judaísmo e, sobretudo, da herança judaica. No caso português, por exemplo, tem havido um esforço muito grande, a diversos níveis, para que a população tenha um conhecimento mínimo sobre essa religião que é tão importante para a identidade nacional. Para além do trabalho realizado ao nível dos *currícula* escolares, o próprio Estado e as comunidades judaicas assumem o papel proativo de irem às escolas, de se apresentarem publicamente para destruir preconceitos. Paralelamente, Portugal tem sido o destino de um grande e próspero turismo judaico, pelo que quase todo o país percebeu o interesse em valorizar e conhecer essa dimensão.

Gilson: Apesar de haver poucas dúvidas de que o ser humano realmente está, a cada dia, mais dependente da tecnologia, perdura a dúvida metódica de que realmente seremos absorvidos pelas máquinas como quis alertar as produções cinematográficas como *Matriz* e *I Am Mother*. Recentemente, uma igreja fez culto usando Inteligência Artificial para mais de 300 pessoas na Alemanha. Nesse contexto, e a partir de sua leitura de mundo, ou mesmo das percepções do judeu Youval Harari no livro *HOMO DEUS*, qual o futuro das religiões em geral, tendo em vista que é fato que a tecnologia ocupa e ocupará um espaço cada vez maior na espiritualidade dos seres humanos no sentido de busca de preenchimento do seu vazio existencial?

Paulo: Cada vez mais me parece que a evolução da prática e, em certa medida, da pertença religiosa, ocorrerá em duas frentes, em dois caminhos completamente opostos. Por um lado, temos o crescente número dos crentes sem religião, cidadãos para os quais as formas informais de espiritualidade são perfeitamente normais e onde, com facilidade, teremos uma presença da tecnologia e, obviamente, da Inteligência Artificial. Nas dinâmicas de maior liberdade de procura que materializa o dito crente sem religião, o centro não é a crença, mas, sim, a prática; o que se procura são metodologias, práticas de vida espiritual, não ditames morais. Aí, o não humano pode ter um lugar muitíssimo forte – por exemplo, esse lugar já existe na forma como os algoritmos que definem os resultados das pesquisas na internet ou na sugestão de um novo vídeo no YouTube ou uma nova música no Spotify, caminhos metodológicos tantas vezes já usados para momentos de meditação, yoga ou oração.

Por outro lado, temos uma parte significativa da população, muitos deles os desiludidos da globalização, ou os que ficaram para trás em algum dos saltos tecnológicos das últimas décadas, que procuram formas de vida religiosa hiper-organizadas em estruturas sólidas e com diretrizes muito claras. Esses, são claramente o oposto aos anteriores em termos de liberdade individual na pesquisa das formas de espiritualidade. Mas também esses usam a inteligência artificial que, de forma relativamente simples, consegue dar respostas a quem tem premissas muito bem definidas na sua vida religiosa.

Gilson: Paulo, você já esteve algumas vezes no Brasil e tem muitos contatos com brasileiros que pesquisam religiões no mundo contemporâneo. Frequentemente, você também comenta ou escreve sobre questões ligadas à nossa religiosidade como o fez no livro “*Dicionário Global das Religiões no Brasil*”. Das vezes em que veio ao Brasil, como você observa o avanço dos estudos das religiões em nosso país e como tais pesquisas tem influenciado o resto do mundo?

Paulo: O meu olhar para a realidade dos estudos acadêmicos sobre religião é, naturalmente, muito atento. No caso brasileiro, esse olhar é ainda mais interessa-

do, quer pela proximidade do meu trabalho, quer pela proximidade a alguns pesquisadores que, mais que colegas, são amigos. São muitos os amigos que tenho nas Ciências das Religiões no Brasil.

O Brasil tem feito um avanço muito significativo e muito sólido, mas com duas fragilidades típicas do Brasil e comum aos países quase continentais: por um lado, o grande crescimento de departamentos e de cursos levou a que ascendessem a docentes universitários muitos cidadãos com grandes fragilidades em nível conceitual. Recorrentemente lemos e ouvimos imprecisões que são mascaradas com uma abundante bibliografia que é citada quase sem conteúdo, como se fosse uma prova, ter de citar, num mesmo capítulo, certos e determinados autores, reproduzindo-os, mas sem lugar para pensamento próprio – muitas vezes isso acontece em dissertações de mestrado e em teses de doutorado, que assim se tornam totalmente ilegíveis e sem qualquer valia no sentido do avanço da ciência; por outro lado, a realidade estudada por grande parte dos pesquisadores brasileiros é imensamente egocentrada e desconhece, comparativamente ou, de forma global, os fenômenos mais vastos em que o micro se enquadra. A proximidade de muitas das “escolas” e pesquisadores, movimentos políticos e ideológicos, acaba por afetar ainda mais a capacidade crítica de alguns dos pesquisadores.

Para mim, tendo como imagem o meu próprio percurso acadêmico, aquilo de que sinto mais falta na academia brasileira é a dimensão do diálogo. São muito escassos os projetos que tenham como foco o diálogo com a cidadania e, em especial, com a diversidade religiosa. Continua-se a “vender” um país de tolerância, um certo mito de fraternidade e de convívio, quando hoje há um problema estrutural fortíssimo de intolerância e de violência. O mais grave, para o meu olhar, é que a universidade deveria ter um papel central na resolução desse problema e, no Brasil, os universitários continuam comodamente sentados nas suas cadeiras.

Gilson: Você foi um dos convidados pelas emissoras JMJ e CNN para analisar e comentar a visita do Papa Francisco a Portugal. Sabemos que a religião católica tem, em seu país, uma longa tradição de pertencimento e de desenvolvimento histórico desde as suas origens. Sendo assim, qual a sua percepção sobre essa visita e como você percebe a religiosidade do povo português em relação a ela?

Paulo: Portugal vive um momento muito peculiar com o catolicismo, entre o universo pesado das heranças e o pragmático das vivências. Por um lado, o Censos (de 2021) diz que a larga maioria dos portugueses é católica. Contudo, a percentagem dos que efetivamente têm alguma prática regular deve anda bem abaixo dos 10%. Portanto, há uma identidade cultural, identitária, mas fora do respeito pelos dogmas e pela moral católica – por exemplo, o referendo que legali-

zou o aborto (naturalmente, dentro de um limite de tempo de gestação), implicou que a maioria daqueles que no Censo se deram como católicos tenham votado a favor, indo contra todas as indicações da hierarquia da igreja.

O “povo português” é, naturalmente, bastante diverso, mas poderemos dizer que muitos portugueses, especialmente nos meios rurais ou deles oriundos (por exemplo, imigrantes que saíram dessas aldeias ou pequenas vilas), regressam todos os anos às festividades locais, muitas delas marcadas pelo catolicismo, porque enquadradas pela paróquia, mas com muito de pagão, herdado desde o distante neolítico.

Hoje, há em Portugal, como em grande parte do chamado Mundo Ocidental, um respeito muito grande pela figura e pelo trabalho do Papa Francisco, mas as multidões que ele movimenta não correspondem a um catolicismo praticante. É um quadro de referência, que soube muito bem aglutinar os desejos de muitas pessoas, mas em nada corresponde a uma efetiva pertença.